

166-5, 25

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.



Estamos enfim na mais apropriada estação dos nossos bailes e soirées. Os dias são bellos, as noites deliciosas, e os aquecidos e brilhantes salões uns verdadeiros nigromantes que fascinão e captivão.

O mez de Junho foi por excellencia a mais bella introdução do nosso inverno. Envolto em asselinadas pellucias, aromatisado na fragancia de lindas mimosas flores, elle apresentou-nos um variado seguimento de funcções, de bailes, de divertimentos de toda a classe, que preencherão deliciosamente o classico mez das alegrias. Como que ainda não satisfeito, ainda querendo, nos seus ultimos dias de despedida eterna, dar-nos um — adeus — tocante e bello, elle abriu as portas do Cassino, e, em magico templo de adoraveis divindades, transformou os salões ha muito resfriados e desertos dessa Sociedade polida e condescendente.

O fulgor destes salões tem sempre uma novidade magica, encantadora!

Lá estava a Moda, dondejante, insaciavel, trazendo as suas modernas novissimas galas, e deslumbrando de belleza: a Elegancia, ostentando o garbo espiral, e o mimoso contornado das formas flexiveis e graciosas; o Bom-gosto, girando entre

applausos e louvores, revelando o magico effeito da escolhida combinação das côres; os Risos, as Graças, os Encantos todos, sim, lá estavam elles, engrupados, divididos, cingindo o diadema gracioso desse Templo de Divindades.

Oh! o Cassino é um nigromante que fascina e captiva.

Remarcarei aqui alguns dos mais ricos e lindos toilettes que pude notar entre os de bom gosto que trajava o mundo elegante.

Da Sra. D. — E. B. — Vestido de filó branco, bordado de ouro, de tres saias, cada uma dellas guarnecida de uma barra do mesmo bordado de ouro. Cabeção formando quatro bicos, um adiante, outro atraz do corpinho, e um sobre cada hombro. O penteado compunha-se de uma grade de ouro, fitas e flores de ouro.

Da Sra. D. — V. de A. — Vestido de filó illusão, cor de rosa, bordado de prata, vindo de encomenda de Pariz pela casa Wallerstein.

Da Sra. D. — J. M. — Vestido de grenadine cor de rosa, com tres folhos prateados. Corpinho á grega. Penteado de flores.

A mana desta Sra. — Vestido de seda amarella enfeitado de renda. Corpinho á Lavalère. Penteado de flores.

Da Sra. D. — C. M. — Vestido de setim preto, enfeitado com duas ordens de renda verdadeira preta, sobre cada ordem um enfeite de vidrilhos. Cabeção á Luiz XV. Penteado de barbas de renda com flores de vidrilhos.

Da Sra. D. — E. A. — Vestido de nobreza *gris perle*, enfeitado com duas ordens de volantes de renda. Corpo de cabeção de renda. Uma grinalda e ramo de peito, de rosas e violetas.

Da Sra. D. — F. B. — Vestido de escomilha branca, de quatro folhos e um saio, orlados, tanto os folhos como o saio, com uma fita de ouro. Corpinho á grega, bico redondo, terminando por um laço de ponta cahida até abaixo, de fita larga dourada.

Da Sra. D. — L. F. — Vestido de tres saias, de filó bordado de ouro. Corpinho á grega, com laço de ponta cahida, no bico redondo. Penteado de fita dourada.

Da Sra. D. — M. C. — Vestido de seda branca. Corpinho á Luiz XV enfeitado de blonde branco e fitas de ouro. Penteado de veludo branco e flores de ouro.

Da Sra. D. — T. S. — Vestido de garça, amarello, com tres folhos enfeitados de franja. Cabeção Lavière, de blonde amarello e fita. Grinalda e ramo, de flores escarlates mui ligeiras.

Erão por sem duvida muitos os *toilettes* lindos, ricos e elegantes, neste baile: o bom gosto da escolha, a perfeição do talho, o bem acabado de cada um de seus enfeites, o garbo com que erão trajados, nada deixavam a desejar á mais caprichosa rigorista. Confesso que tenho uma alegria particular, orgulho-me de ver a moda bem comprehendida e melhor executada.

Nos *toilettes* de baile por certo nada ha que se possa notar sobre a sua feliz eleição: se os filós, as escomilhas, as sedas bordadas de ouro e prata, são as mais modernas fazendas da ultima estação de Paris, os vestidos de seda, gaze ou grenadina, franjados ou enfeitados de volantes de renda simples, fazem um delicioso contraste, e cada um de per si produz um effeito agradável e um todo encantador, quando em um só salão elles se reñem, se confundem, e apresentam essa mescla de cores, esse esmalte de ouro e prata, cuja vista adoravel é o talisman das delicias de um baile.

Mas... que cabeça! occupei-me dos *toilettes* de baile, e não vos dei conta dos *toilettes* de inverno! Deixai que vos apresente por ora uma interessante Amazona na figura da Imperatriz dos Francezes; domingo que vem serei toda vossa, querida leitora, para vos dizer alguma cousa a respeito dos *toilettes* de inverno.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A Imperatriz dos Francezes passeava a cavallo, quando Jules David, habil desenhador de figurinos do *Moniteur de la Mode*, teve a honrosa autorisação de cópiar do original a Estampa que vos apresento hoje.

O artista em retribuição á esta honrosa dis-

tinção, esmerou-se: a gravura é linda e caprichosamente desenhada. Não ousou em tanto affiançar-vos a exactidão das feições; mas, a dar credito á estampa em ponto grande, que esteve patente no armazem Wallersteim, e que fôra enviada de Paris como verdadeira copia da Imperatriz, não duvidarei dizer-vos que as feições da figura da nossa estampa, são semelhantes á daquella que vi em ponto grande.

A Imperatriz, cavalgando o brioso cavallo arabe, que lhe fôra dado de presente, traja simplesmente um vestido de casemira preta, composto de saia comprida e casaqueta de *basquine* redondo, abotoado, com uma só ordem de botões, golla de rebuço de *moire antique*, mangas meias largas, de punhos voltados, deixando apparecer os punhos da camisa também voltados e prêsos com dous pequenos botões de brilhantes. Collete de cambraia de linho bordada, assente em chamaote cor de ouro, fechado até acima, de golla em pé, talhado á Napoleão. Gravatinha azul, mui baixa, voltando-se sobre ella os pequenos collarinhos de cambraia, que deixão apparecer sómente o laço. Chapéo de castor com pluma ondeante. Luvas de pellica cor de canario.

TOILETTE DE MEIO LUTO. Chapéo de velludo e renda preta com bordado de velludo bordado de vidrilhos, e uma pluma enroscada, assente ao lado esquerdo da cópa. Por dentro é guarnecido de lirios e margaridas brancas. As bridas, que prendem as abas em laço de pontas cahidas, são de fita de setim raiada de velludo.

Vestido com corpinho de *basquine* em tafetá preto. Renda preta e pequenos bordados de vidrilhos. Saia lisa de tafetá de listas avelludadas. Collarinho e sub-mangas de renda branca. O corpinho, afogado e mui ajustado, forma um talhe comprido com uma *basquine* bem arredondada e guarnecida de uma successiva ordem de vidrilhos em forma de alamares de cima a baixo.

As mangas largas e á pagode são feitas em duas largas pregas guarnecidas de vidrilhos, terminando por dous volantes bordados também de vidrilhos.

A renda do collarinho e das sub-mangas é de Veneza.

O chale é de finissima cachemira, quadrado, fundo azul, barra e franja de cores variadas.

Cattete, 50 de Junho.

Christina.

Encetamos hoje a publicação do romance do Sr. Dumas filho, intitulado — A DAMA DAS CAMELIAS.

Por vezes trepidámos em dar publicidade á este romance na lingua vernacula, porque, sendo a obra escripta *dissolutamente*, nos pareceu que a sua versão transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos, que sabem a lume neste jornal: mas, tendo a pessoa que nos offerceceu a presente versão, feito habilmente alguns cortes e suppressões nelle, nos resolvemos a admittil-o assim nas columnas do JORNAL DAS SENHORAS.

Concluimos agradecendo ao traductor incognito o valioso presente que nos fez, e recomendando a todos a leitura desta historia verdadeira e contemporanea, cuja versao se não é servil, se não traduz palavra por palavra, difficilmente se encontrarã no original uma idéa, um pensamento, que no portuguez não tenham a frase equivalente.

REDACTORA EM CHEFE.

A DAMA DAS CAMELIAS.

I.

Sendo eu de opinião que não devemos fallar uma lingua senão depois de a sabermos a fundo, e bem assim que não devemos crear personagens senão depois de termos estudado profundamente os homens; e não tendo ainda a idade de poder inventar, limito-me a escrever o que sei. E porque tambem as personagens desta historia ainda existão, menos a sua heroína, vi-me obrigado a trocar-lhes os nomes; cumprindo-me prevenir aos meus leitores que todos os factos, de que vou dar conta, são verdadeiros, e que se por ventura as minhas palavras não lhes merecerem credito, poderão recorrer ao testemunho de muitas pessoas, que tendo delles pleno conhecimento, e morando em Pariz, os confirmarão.

Se me impuz o dever de publicar esses factos, foi porque tendo sido o unico confidente de certas particularidades, que vão preceder á obra, só a mim cabia fazel-o.

— No dia 12 de Março (1848) vião-se pregados nas esquinas da rua Lafitte varios annuncios, relativos á venda de trastes e outros objectos de valor, por morte de alguém, cujo nome se não designava; prevenindo-se ao publico de que o leilão teria lugar na casa da rua d'Antin n.º 9, em o dia 16, do meio dia ás cinco horas da tarde; e que esses objectos podião ser examinados nos dias 13 e 14. Eu sempre gostei muito, e ainda gosto, de ver raridades; e por isso prometti á mim mesmo não perder esta occasião de admirar as que se ão vender. E, portanto, no dia seguinte, logo cedo, corri á rua d'Antin, onde achei pregados á porta outros annuncios mais minuciosos; e, perguntando ao guardaportão como se chamava a pessoa que morára ali, respondeu-me — que podia subir —. Subi com effeito, e encontrei em cima muita gente de um e outro sexo, e entre o feminino senhoras de *quétilliqué*. Corri a casa toda, e atinei então que era uma mulher das que chamamos de *porta aberta* que havia fallecido ali. Tenho notado, seja dito em parenthesis, que as senhoras do *grande tom* gostão muito de ver o *domestico* dessa casta de gente que ousa eclipsar seus trens com os dellas, que tem camarote effectivo em todos os theatros, e que descaradamente ostentão sua belleza, suas mal adquiridas posses, seus escandalos.

E como a morte tivesse desfechado seu golpe cruel sobre a mulher que primára naquella casa a mais recatada donzella podia transportar-lhe os umbraes, sem receio de incorrer na mais leve e censura. O ar dessa imunda habitação tinha sido purificado, e quando alguma das senhoras que ali estavão fosse chamada á contas podia allegar que, ignorando que casta de mulher morára naquella casa, tinha entrado nella innocente. Isto posto, devo todavia dizer que essas senhoras não perdêrão vasa para descobrirem o menor vestigio da vida que ali passára essa — *dama* —; mas, que o não puderão conseguir, porque a morte no seu voo arrebatára a mulher e os mysterios da sua vida.

A sala de jantar era alcatifada de couro de Cordova, e nella figuravão dous ricos guarda-louças do tempo de Henrique II, cheios de prataria: as janellas erão guardadas de ricas bambinellas, e algumas cadeiras *estofadas* circumdavão uma mesa de carvalho lavrado. O quarto de dormir, forrado de fazenda de ramagens, tinha uma cama de *betula* sobre um estrado de madeira branca. As caryatides do leito tinhão dez pollegadas de altura, e representavão Faunos e Bacchantes, e sobre as suas columnas vião-se jarros entrelaçados de vides, por entre as quaes brincavão Amores. O mosquiteiro era de panno de rãz, e o rodapé de renda de França finissima: finalmente o *santuário* denotava que a *deusa* fôra linda, e que os adoradores tinhão *escorropichado* as algibeiras para enfeitá-lhe o *altar*. Entre as janellas havião prateleiras cobertas de objectos da China, e mais um quadro original de Vidal. O quarto de vestir era forrado de setim amarello e cheio de espelhos, de mosas de costuras, de candelabros, além de um piano de pão-rosa e de uma poltrona, cujo assento estava gasto. — Vi depois o toucador, em que scintillavão todos os thesouros de Aucoc e d'Odiot. A colleção era completa, e todos os *enfeites* de ouro e de prata; mas quem attentasse para elles veria que havião sido dados por diversos, porque diversas erão as iniciaes sobre elles gravadas.

Logo que os visitantes se retirarão dirigime a um rapaz que vivia a casa, e que não desprezava os olhos de mim, sem duvida porque receiava que eu sorrisse alguma cousa, e perguntei-lhe em termos habeis:

- « Quem morava aqui? »
- « Margarida Gauthier, respondeu.
- Lembrei-me que por vezes vira uma mulher com esse nome, cuja fama, quer por sua belleza, quer pelo luxo que ostentava, era proverbial.
- « Ha quantos dias morreu ella? »
- « Ha tres semanas.
- « Deixou muitas dividas? »
- « Creio que sim.
- « E o que tem bastará para pagal-as? »
- « Olá se basta!... ainda hão de haver sobras.
- « E para quem serão essas sobras? »
- « Para seus parentes.
- « Pois ella tem parentes! »

— « Ouvi dizer que fínha.

— « Muito obrigado, disse eu ao rapaz, para não enfadalo com minhas perguntas; e retirei-me fazendo meus entes de razão sobre essa infeliz mulher.

O leilão dos bens de Margarida devia ter lugar, como já disse, no dia 16; mas tendo eu estado fóra de Paris nos dias 14 e 15, admirei-me, quando voltei, não ouvir fallar-se da sua morte. E' sina dessa casta de gente serem muito gabadas em vida e esquecidas depois que morrem. Apenas lá um ou outro, dos muitos que lhes fizeram rapapes, solta entre dentes um — Coitada!

Margarida não perdia bailes, e era perna certa nos theatros quando se representava alguma peça nova. Tres cousas levava sempre consigo — um oculo — uma especie de bolsa para guardar do-cinbos e um ramo de Camélias, as quaes não sei porque artes erão brancas nos vinte e cinco primeiros dias de cada mez, e cór de rosa nos últimos cinco dias. Nunca pude atinar com a razão d'isto, e nunca achei tambem quem me explicasse este enigma. Margarida nunca appareceu em publico com outras flores senão camélias, e foi dahi que lhe ficou a alcunha de — *Dama das Camélias* — Em Paris era publico, que Margarida fóra o *ái Jesus* de muita gente de gravata lavada, o que não affirmo. Tres annos, porém, antes de morrer, ou, para melhor dizer, depois de certa viagem que fizera ás aguas de Bagneres, o unico *tonanté* que ás escancaras a frequentava era um duque estrangeiro, já maduão, mas pódre de rico. O nosso *ricaco* apparecia algumas vezes nos theatros com ella, mas com certo recato, conservando-se no fundo do camarote. No anno em que Margarida morreu o duque a procurava menos, mas enquanto esteve doente não lhe largou a porta, e acompanhou-a até á sepultura. Se Margarida não fosse digna da estima desse homem proveccto, por certo que elle não faria alardo do amor que lhe tinha. Cabe em verdade aqui mencionar o modo porque ambos travarão conhecimento entre si.

Margarida padecera sempre do peito, e tendo-se aggravado o mal por sua vida desregrada, aconselháram-lhe os medicos que fosse a Bagneres, o que fez, permitindo o acaso que ali se achasse uma senhora de alto nascimento, doente tambem do peito, em companhia de seu pai, e que essa senhora fosse a cópia fiel de Margarida. Poucos dias depois que a nossa heroína chegou a Bagneres falleceu a dita senhora. O pai ficou inconsolavel com a perda da filha, e não tendo ali outra pessoa com quem chorasse a sua morte, procurou Margarida, que, por todos os meios e modos procurou consolar o velhinho, por fórma que as más linguas desconfiáram da cousa, e disserão cobras e lagartos de Margarida ao pobre velho, que não se deu por achado, e que, para poupal-a á maldita crítica, lhe aconselhou que voltasse com elle para Paris, onde não consentio que certas pessoas entrassem em casa de Margarida. Não sei porém o que houve entre elles, que por alguns dias o ve-

hinho *escabriu* da casa da *feiticeira*, que tanto fez que o sujeito lá cahio outra vez.

Ora, eis aqui em poucas palavras, o estado das cousas em novembro ou dezembro de 1842.

III.

A' uma hora da tarde pouco mais ou menos do dia 16 dirigi-me á rua d'Antin. Quando ali cheguei já o leilão tinha principiado, pelo que subi ás carreiras para não perder a occasião de comprar alguma das muitas cousas que ão ser arrematadas. A casa estava atulhada de gente, e não deixei de reparar na mistura de gregos que ali se achava. Aqui, a par da duqueza de F*** via-se a celeberrima dama A**, e acolá a marquezza de D*** fazendo face á adúltera D**, *et sic et ceteris*.

Rompi por entre a turba multa com o coração denegrido pela gritaria que se fazia no quarto dessa mulher que poucos dias antes ali morrerá, e cujos bens erão arrematados por dividas. Joias, vestidos, chales, sedas e outros muitos objectos forão arrematados n'um instante; e confesso que me retiraria d'ali sem lançar sobre uma só cousa, se de repente não ouvisse o leiloeiro gritar:

« Um volume, rica encadernação, de *Manon Lescaut*, com notas a lapis, por vinte francos; » e outra vez dizer « vinte e dous francos » vinte e cinco, gritei eu.

« Trinta, retorquiu o primeiro. »

Eu tinha lido e relido a obra em questão, e por isso estive quasi deixando de arrematal-a; mas ouvindo o leiloeiro repetir que a obra não era nova em folha, gritei « trinta e cinco francos; » quarenta, replicou o tal sujeito; « cincoenta, » retorquiu eu, e cheguei a cem. Quando cobri o lango com os cem, mulheres e homens olháram para mim admirados; e o facto é que o meu competitor, vendo que não tirava partido connigo, chegou-se a mim, e disse: « *Cedo, meu caro senhor.* » Cheguei-me ao leiloeiro, dei-lhe o meu nome e o numero da minha casa, e safei-me deixando aquella turba multa a discorrer sobre mim pelo empenho que fizera de arrematar um livro, que custava então quinze francos, por cem.

D'ahi a uma hora mandei o meu criado buscar o livro, e levar a *esportula*.

Logo que me elle entregou a obra, atirei-me a ella como gatos a bofes, e li na primeira pagina a seguinte dedicatória:

« MANON A MARGARIDA »

« Humildade. »

E mais abaixo — *Armando Duval*.

Fiquei em jejum quanto á tal palavrinha — *humildade*.

(*Continua.*)



Julie David

Paillot

S. M. L'IMPERATRICE EUGENIE

to the Hon. the Emperor





POESIA.

O MEU CRAVO E O MEU AMOR.

Offerecido, Dedicado e Consagrado á Ill.^{ma}. Sra. D.

GERVASIA NUNESIA PIRES.

I.

Gemidos concentrados neste triste
 E lacerado coração zeloso,
 Fugi... fugi de mim... fugi p'ra sempre!...
 Gemidos que ha pouco meus labios soltavão,
 No desespero e ciúme,
 Fugi p'ra bem longe, que agora o sorriso
 Substitue meu queixume!.....

Bella Flôr, eu te guardo, eu te respeito
 Qual se fôras d'irmã sagrada offerta,
 Se apenas um signal és de amizade,
 Ou somente expressão de sympathia.....
 Mas se acaso de AMOR tens a linguagem,
 Se a dextra estremeceu, que te offertou-me;
 Se o pudor dessa VIRGEM quiz que fosses
 Interprete fiel dos sentimentos
 Que os seus labios temêrão revelar-me,
 Então, ó Flôr, eu te amo, porque excedes
 D'um fraterno penhor, d'amar-te o goso!.....
 Então tu desde já, sobre este peito
 Compr'ende, sente, escuta, ouve, conhece
 Quanto o meu coração d'amor padece!.....

Qu'importa, minha Flôr, que te ciumentes
 Porque amo, mais que a ti, a quem já soube
 Minh'alma compr'ender e compensar-a?.....
 Por ella, á quem se amor eu lhe não dêsse,
 Do meu amor tambem não fôras dina,
 Se dada me não fosses, não tiveras
 Um só dos versos que te dão meus cultos!.....
 De sua mão de jaspe, contornada
 Por maga perfeição da natureza,
 Se acaso não partisses, oh! não fôras
 Certamente credora do meu estro!.....

Mas tu foste um presagio ditoso
 Desse AMOR por quem já me enlouqueço;
 E se eu tenho o direito de amar-te,
 Tens direito á canção que te off'reço!.....

H.

E tu, ó Virgem, que dizes
 Que do amor que eu te prometto
 Quem te há de assegurar;
 Sabe pois, que por ti juro,
 E por ti mesma asseguro
 Que hei em todo o meu futuro
 Ardentemente te amar!.....
 E de tal sorte constancia
 Hei de por ti conservar,
 Que hei de a Dirceu e Torquato
 A firmeza disputar!.....

Sabe pois que essa firmeza
 Saberei sempre guardar,
 E hoje tomo a natureza
 Por testemunha exemplar
 Da jura, que se eu trahir,
 Hei de deixar de existir!.....

III.

Neste meu coração sensível vacuo
 Existia, e mistér era que fosse
 Occupado algum dia pelo ardente
 Sentimento d'AMOR, que lhe é preciso
 P'ra que possa existir!..... E tu, ó Deusa!
 O' Ser divinizado por ti mesma!
 O' Estrella d'amor, que me promettes
 O vigor que em meu ser se anniquilava,
 Gentil me appareceste, com teus risos,
 Mais bellos que o sorrir da natureza,
 Estendendo essa dextra p'ra salvaras
 Do pego tormentoso da existencia
 O naufrago infeliz, que hoje ditoso
 Grato e terno te adora e te idolatra!.....
 E assim pois tanto amor me conquistaste,
 Que soberana de minh'alma e peito,
 Mais que um'alma captiva aos teus encantos,
 Mais que um peito rendido aos teus affectos,
 Terás sempre meu estro e minha lyra
 Inspirados por ti, canções vibrando,
 P'ra cantar-te a firmeza, e erguer renome
 Ao nosso AMOR, que romperá vindouros
 C'roado por troféos d'eternos Louros!.....

Antonio José dos Santos Neves.



CHRONICA DA QUINZENA.

Dons dias, dignissimas leitoras; saúdo-vos tí-
 ritando de frio, e confesso-vos que mal posso
 equilibrar uas endurecidas phalanges a insensível
 penna e mover o resfriadissimo metacarpo.

Por sem duvida, que se não fora a severa obri-
 gação de communicar-vos alguma cousa á que se
 possa chamar *Chronica*, não deixaria as commo-
 didades de um leito tão aprazível, para, tão cedo
 ainda, agarrar-me ao tinteiro; e creio que ra-

biscar novidades, até que sôe a hora da hygienica e primitiva refeição do dia.

Noticiar-vos o movimento dos nossos theatros, quasi que me não cumpre, por ser essa uma materia exclusiva e especialisada á uma das nossas collaboradoras; e conquanto não seja prudente metter a mão em ceára alheia, insta-me a consciencia que em primeiro lugar seja o theatro o assumpto de meus escriptos. Mas para prevenir-vos de que não tratarei da analyse de um Drama ou Opera — nem dos trabalhos das companhias Dramatica ou Lyrica, passarei a escrever sob a seguinte epigrapha:

O ACTOR INSIGNE E A ARTE DRAMATICA.

Já deveis saber que fallo do Sr. commendader por Sua Magestade Fidelissima; mas, permitta-me S. S. que a chronista, fazendo total abstracção de suas honorificas distincções, o veja simples filho do palco, panegyrista da Arte Dramatica, e como seu restaurador; responsavel do seu progresso.

Assim por momentos, permitta-me S. S. que o encaremos, para que livre desses sociaes prejuizos, dessas susceptibilidades das condecorações, possam suavisar em seus tympanos as conscienciosas verdades dictadas pela imparcialidade da crença e do raciocinio: —

Assim como da deserção do seu posto, um general faz pender a derrota de suas aguerridas legiões, ás quaes bastaria o mover de seus labios e o accionar de seus gestos, para segurar-lhes os tropheos da victoria, tal se vê consequente o regresso dessa Arte, tão cara á civilisação dos povos, com a ausencia daquelle que, com seu ardor e enthusiasmo, com seus feitos e triumphos, baseava-lhe a estabilidade e conquistava das massas os recursos para o seu desenvolvimento.

Não acreditamos por certo, que o motivo de semelhante ausencia do palco, do nosso artista sublime, seja por fórma alguma a posição á que seus feitos o fizeram attingir.

A direcção dos trabalhos lyricos recabe toda a culpabilidade dessa distracção, tão prejudicial á arte dramatica, e de encontro ás leis da compatibilidade nem era possivel que se podesse curar ao mesmo tempo do progresso de duas empresas, que tanto se antagonisam.

Mas quando não fosse isso, quando o facto da condecoração do Sr. João Caetano fosse a verdadeira causa de sua fuga dos bastidores, acreditem que tão severamente clamariamos, que S. S. chegar-se-hia á convicção de que mais brilha a commenda na gaveta daquelle que a soube haver a preço do seu merito, do que no peito daquelle que a barateou pelo servilismo da alma; e, achando-se S. S. no primeiro caso, o meio de a fazer cada vez mais brilhante, é não parar na carreira de seus triumphos. —

Muito bem. Vamos ao que se segue. Já fallei como um juiz ou juiza (sem ser por devoção) em negocios que, segundo as maximas de alguns arachnosos velhinhos, alfarrabios do modernismo, não são da competencia das saias. Mas

eu, que pouco apreço dou á tudo que cheira a trapos, e colloco nessa classificacão os taes senhores presumidos conselheiros da mocidade, vou passando, adiante, sem antever suas reprehensões.

Pago-me na mesma moeda; censuro-os, porque elles nos censurão; á essas *calvinhas enrugadas* (com honrosas excepções), tudo o que não seja rosario e beaticce, é banal, é futil, é chimerico.

Como não se benzeria o avô de minha bis-avó, se vivo ainda lhe constasse que a tataraneta de sua neta hoje se mettia com theatros, a escrever em letra redonda!.....

Passaremos pois ao que tem tido lugar por este Rio de Janeiro.

Quanto aos bailes, já pouco ha que dizer, que não seja sedico; e, como os não frequentei, não quero usar da tactica de alguns collegas, que lá fantasião uma beldade em seus pensamentos, fazem-n'a morena ou clara, arbitrando a cor dos olhos e cabellos, vestindo-a com o *toilette* que arranjáráo na modista dos seus sonhos, fazendo-a contradançar e rir-se por sua conta, e depois de servil-a com os *servetes* que imagináráo, chamarem-na — seu anjo tutelar —, dizerem que foi *ella* a — rainha da festa —, quem fez as horas da sala, e terminarem por uma paixão toda ficticia, pois que nem da tal beldade appareceu-lhes a sombra.

Não, não quero isso, pois temo que por meu castigo me chamem de — Epaninondas com excesso.

O que esteve á minha vista, e á de todos os que não forão cegos, ás follinhas e á luz meridiana, foi o grandioso dia de S. João.

Sua influencia e a maneira por que em todo o mundo civilisado é elle applaudido, darião materia, não só para as oito tiras de papel em branco que tenho ante os olhos, como para pôr em caristia o mercado de tudo o que vai abi por essas lojas e typographias.

Em vez da fria saraiva em uma atmosphera humida, chovesse embara gelada neve, vereis da mesma sorte multiplicarem-se em cada rua essas fogueiras tão queridas, e quasi que idolatradas, pela inteira população de todos os paizes.

Mas já que o Rio de Janeiro é o nosso, tratemos delle nessas noites tão bellas.

Percorrei lentamente todas essas ruas da cidade, e penetrai uma por uma suas casas, desde o miserriimo tugurio do indigente, até o asoberbado palacete do abastado, e lá, em um angulo de cada uma de suas salas, vereis inaugurado o Apostolo do Evangelho.

Perguntai, e sabei que todas essas donzellas, que até então erão indifferentes aos vaticinios dos experientes, agora creem nos brincos de uma sorte vãa: um mysterioso oraculo, enigmado pelos antepassados, como que arrasta as intelligencias mais cultas a ver seu porvir revelado em um *dente d'alho* que se planta, em uma *clara d'ovo* que se eleva no fundo de um copo com agua, ou em uma moeda que se lança á fogueira.

Não são os unicos esses fogos de artificio que se mandão ás nuvens, ou fazem-se voltejar na terra, mas são esses accesos nessas noites os que,

mais que todos, fallão a linguagem do prazer, repetem o estrepito das risadas.

Arrancai-vos aos sarões, oude a vida de cada um está na atmosfera embalsamada de mil essencias que ali nesses salões se respira; fugi aos encantos dos theatros, onde as emoções de vossas almas são equilibradas no palco; desertai ás harmonias de um concerto marcial, onde os vossos sorrisos e lagrimas estão contados nas notas de cada um dos instrumentos, e parti, segui á qualquer dos nossos pittorescos arrebaldes, e lá, frente aos grupos de jovens e velhos; ao redor dos braseiros cobertos de toda a casta de batatas; na proximidade de um enfeitadissimo mastro, guardado pela vigilancia de uma ou outra donzella; entre os apreciadores de um espirituosissimo jogo de prendas; submettido ás sentenças que vos impoem *suspirus* exhatados em um canto, *pallinhas cortadas á franceza*, ou vos conduzem á *berlinda* do julgamento; gosai todos estes encantos cuja descripção se não completa, e vereis que a vida e as emoções da alma ahí é que se dilatão, ahí é que se agitaõ!

Vereis que nem sempre é grato ao coração a sumptuosidade dessas etiquetas ceremonias de um baile, onde as mais das vezes, lá vai sob a capa do indifferentismo o travesso cupidinho fazer proesas e maravilhas, e que quando a effervescencia da religião nos exalta o espirito, sem duvida preferimos, a tudo que pôde haver de apparatuso, a familiaridade de uma reunião domestica, onde seria um crime o abuso da credulidade dos nossos condescendentes progenitores.

As mãos do mancebo e da virgem, estranhos um ao outro, em noite de S. João, apertadas cordialmente em qualquer divertimento, semelham-se ás de dous irmãos; é innocente a interpretação dos seus risos, enquanto que o vulgo suspeitaria desses signaes de amizade pronunciados em um baile.

Os antigos querem que a noite de S. João seja muito maior que as outras, mas eu confesso-vos que acusei-os de maos medidores, pois nunca senti noite alguma escoar-se com mais velocidade.

Quanto ao frio, foi de sentir-se devéras.

Os caçadores dos habitantes do reino neptunino por sua vez repetirão suas ovações ao Apostolo pescador, que depois de mentir tres vezes, negando conhecer seu Mestre, foi guardar as portas da Eternidade.

Não erão os opulentos senhores de inexgotaveis thesouros que chamavão o povo á apreciação de seus cofres ostentados publica e orgulhosamente, não; e no entanto o povo como que tocado pela mais profunda curiosidade affluio em grupos á proximidade das vagas que banhão o *Gambá* do *Sacco do Alferes*.

Erão tristes pescadores, que expostos ao furor das tormentas, e ao capricho das p'rellas, vão quotidianamente colher na profundidade do oceano o alimento para seus filhos, e leva-o ao mercado para haver de seu producto o mister ás suas necessidades.

Erão elles, esses plebeus, como os appellidão os nobres, que em communhão recitroca commemoravão o Santo Discipulo, que por milagre

de seu Divino Mestre não foi eliminado da Côte Celestial, como o foi o glorioso Santo Antonio, porque o Papa, *papão* dos dias santos, assim julgou conveniente.

Germina P. S. N.



Grandeza d'alma.

Um dos mais habéis cirurgiões de Pariz, sendo chamado para saugar a princeza, em 1792, teve a desgraça, por um daquelles infelizes acasos que se não podem prevenir, de lhe errar a veia e cortar-lhe a arteria. Debalde todos os cirurgiões e medicos da camara real empregárão sua arte e esforços para remediar este desgraçado accidente: a princeza morreu poucos dias depois. Quando lhe foi dado o desengano fatal, ella mandou á pressa chamar o seu notario e fez accrescentar a seguinte verba no seu testamento. « Persuadida do mal que este infeliz acontecimento fará ao cirurgião, que é a causa da minha morte, deixo-lhe uma renda vitalicia de duzentos ducados, que lhe será paga annualmente; e perdoando-lhe de todo o coração o seu erro, é meu desejo indemnisa-o assim do descredito que poderá causar-lhe a minha desgraça. »

Instrumentos de musica da India.

É uma curiosidade que não devo passar em silencio, e que me não perdoaricis, se deixasse de declarar-vos o nome dos instrumentos de musica que ha na India para todas as foneções, quer tristes, quer alegres, daquella gente opiada.

A orchestra dos Indios compõe-se de muitos instrumentos, entre os quaes o tambor domina, como um antigo capitão-mór, e se reproduz em immensas fórmãs e variedades, sendo uma destas o *Hauk*, zabunha enorme, que faz tanta bullia, que para se tocar é necessario pedir licença ás autoridades do paiz: — o *Ourni*, especie de guitarra grosseira feita da cuia de um coco serrado pelo meio, e sobre a qual se bate com um bambú, instrumento de que apenas se tirão dous sons, um dos quaes se assemelha ao miar de um gato escaudado, e o outro ao uivar de um qualquer animal feroz: — o *Kole*, tambor dos devotos penitentes que faz as vezes de rosario: — o *Djourg hadje*, tambor dobrado, formado por duas caixas grandes e desiguas: — o *Kible*, especie de trompa semelhante aos nossos antigos serpenções: — o *Saringai*, que se parece com o violoncello, e que dá alguns sons assaz agradaveis: — o *Nagassarim*, especie de oboé com o bocal e palheta de canna, serve para acompanhar a dança das bailadeiras: — os *Timbales maratás*,

que se usão nas marchas, collocados em cima de um camello: — o *Parei*, especie de flauta que se usa nos dias de luto: — a *Trombeta maratá*, instrumento militar: — o *Djongo*, especie de vaxor que se toca com duas vaquetas: — o *Combou*, corneta que serve nos pagodes: — o *Song*, ou buzio em que assopraõ os bramines: — o *Tourti*, gaita de folles que acompanha as orações nos pagodes e a dança das bailadeiras: — o *Nagur*, ou timbale: — o *Hoeirak* ou tamburino, e enfim o *Nagabotte*, caixa grande que se toca sobre um elephante diante dos principes do paiz.

Taes são os instrumentos asiaticos, que se algum dia se tocassem juntos, misericordia! farião uma bem extravagante orchestra capaz de ensurdecer qualquer christão apostolico. E por tal fórma que elles mesmos se contentão de uma reunião de cinco ou seis musicos, e ainda assim sufficientes são para aturdir os ouvidos europeos.

Massa de batatas para uso do toucador.

As senhoras fazem geralmente uso da massa de amendoas para se lavarem e darem frescura á pelle; quando a polpa da batata é sem duvida preferivel á aquella massa, e ao mesmo tempo mais economica. A maneira de preparar esta polpa é a seguinte:

Escolhão-se batatas das mais brancas e farinaceas que se encontrarem; depois de descascadas pizem-se bem, e desfaça-se a massa com um pouco de leite, deixando-se ficar na consistencia necessaria para se guardar. Esta massa desencarde perfeitamente; tem um cheiro agradável, que se poderá perfumar, deitando-se-lhe um pouco de essencia de jasmim ou rosa, depois de desfeita com o leite; desprende-se e lava-se mais promptamente que a massa de amendoas; amacia muito a pelle, e serve com particular effeito para curar a escoriação e gretas a que as pelles delicadas e naturalmente seccas estão muito sujeitas no tempo de frio. Desfeita em agua é tambem esta massa vantajosamente empregada para abrandar as comixões ou acrimonias da pelle.

Aconselhamos ás nossas leitoras o uso util e economico da massa de batatas.

Para que o azeite não dê fumo na luz.

O fumo do azeite encommoda muito, e até pôde fazer grave damno ás pessoas enfermas; além disso enfumaça as paredes, encarde os tecos da casa, entretanto que com a mais simples

e facil receita podemos-nos livrar do fumo do azeite. — Destillem-se algumas cebollas e deite-se desta agua destillada no fundo da lampada ou candieiro, depois pouha-se o azeite em cima, e ver-se-ha que o azeite não deita fumo algum.

Anecdota.

Um sugeito quando ajustava algum criado, lia-lhe uma pauta de todas as suas obrigações, a qual tinha afixado em uma porta, para ser assim mais bem servido. Um dia que havia tomado um criado novo, mandou-lhe que o fosse esperar á sahida do theatro para o acompanhar para casa; e quando se recolhia succedeu cahir dentro de uma valla, que se andava concertando, e começou a gritar, a gritar pelo criado, que o ajudasse a sair dali. « Espere lá, senhor, lhe respondeu elle, que eu vou á casa ver se isso está na pauta das minhas obrigações. » E foi-se embora, deixando o pobre homem revolvendo-se na lama e preso como o lobo na ratoeira.

THEATRO LYRICO.

Estreou terça feira passada na opera *Ernani* o Sr. Henry Whitworth, baixo profundo, ultimamente chegado: seu porte é elegante, tem maneiras graciosas, e sua bella voz foi geralmente applaudida e apreciada pelos *dilettanti*, que lhe não puderão negar força de merecimento artistico em toda a execução da opera.

A Sra. Amalia Jacobson, que tambem entrou na peça, vai confirmando o que dissemos a seu respeito: no *Ernani* reduziu á fé muitos herisarcas do seu merecimento e obteve repetidos applausos.

Estrella.

Tendo finalizado o primeiro semestre de Janeiro a Junho, ainda persistimos no proposito de não suspender a entrega do JORNAL DAS SENHORAS a nenhuma das nossas Assignantes. As Senhoras, que não quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura, rogamos que tenham a bondade de mandar sua participação á casa unicamente dos Srs. Wallerstein & C., rua do Ouvidor n. 70, assim de que nos primeiros dias do mez de Julho possamos então mandar suspender a entrega.

A decifração do logogriffo do n. 26 é *Armario*, da 1.^a charada *Carolina*, e da 2.^a *Convento*.

Acompanha este n. 27 a gravura de S. M. a Imperatriz dos Francèzes á cavallo.

Typ. do Jornal das Senhoras, RUA DA ALFANDEGA N. 34.